

CEM ANOS DE OLIVEIRA VIANA

Austregésilo de Athayde

Transcorreu a 20 de junho o centenário de nascimento do sociólogo Oliveira Viana, um dos pontos altos da cultura brasileira como intérprete da nossa evolução social e política, sucessor, na Academia Brasileira de Letras, do seu conterrâneo, o poeta magno Alberto de Oliveira, ambos fluminenses, nascidos da mesma região de gloriosas tradições. Coube-me a cadeira nº 8, fundada sob o patrocínio de Cláudio Manuel da Costa, por Alberto a quem Oliveira Viana sucedeu com o mesmo lustre, e ora ocupo, cheio por eles, de natural envaidecimento. A obra do sociólogo tem crescido na apreciação da sua posteridade, pelo valor de sua contribuição, num plano pouco praticado pela inteligência brasileira, o que faz crescer o seu valor inestimável.

Os meus contatos com Oliveira Viana foram raros e creio que as minhas entranhadas e irredutíveis convicções liberais, a diversa maneira de encararmos a organização da polis, nos colocaram por vezes em posição antagônica, embora concluíssem as nossas aspirações para o mesmo objetivo, o da felicidade e engrandecimento da pátria comum. Traduzindo em termos de Segundo Império, direi que Oliveira Viana foi em toda a sua vida um **Squarema**, conservador do tipo “die-hard”, duro cerne de “tory”, filho de fazendeiros da escola de Itaboraí, identificado até a medula com o esplendor imperial dos trinta anos que se seguiram à Maioridade. Enquanto eu sou um **Luzia**, ligado pelo sangue Feitosa à Revolução Praieira, signatário do Manifesto de 70, abolicionista sem dúvida, membro do Clube Republicano, inimigo do trono e dos privilégios da realeza.

Quando Oliveira Viana nasceu, na fazenda do Rio Seco, em 1883, a sua província já entrara em decadência econômica. O café buscava as terras roxas de São Paulo e a cana-de-açúcar era o pábulo dos velhos engenhos, longe da modernização técnica das usinas de agora. Os pais educaram-no na severidade antiga, como era de uso na família rural fluminense. O austero sociólogo formou-se nesse ambiente com um toque de intransigência que não admitia as perspectivas mais amplas do liberalismo. Logo em artigos de jornal mostrou as inclinações confirmadas com tanto brilho e êxito em **Populações Meridionais do Brasil** e, mais tarde, em **O Ocaso do Império**. Nacionalista de estilo intolerante, não deixava de ver o Brasil em suas fragilidades. Nos **Pequenos Estudos de Psicologia Social**, o mestre repisa os motivos centrais de sua tese nacionalista, a de que nos perdemos em excesso de xenofilia, no vezo de imitadores dos costumes de

Convém frisarmos que estavam esses homens preocupados não apenas em resolver o problema da terra, mas também com os problemas técnicos de produtividade, o que bem nos demonstra o fato de além de terem elaborado seus projetos de reforma agrária, legarem-nos, de igual modo, memórias sobre técnicas de plantio ou inventos mecânicos para a agricultura, notando-se que a abordagem feita por todos eles, no que tange a um dos graves problemas enfrentados, estava relacionado ao da mentalidade dos plantadores brasileiros, contrária a qualquer mudança.

Em suma, temos neste estudo uma oportunidade para analisarmos as denúncias, os erros e os abusos do colonialismo, ao lado de como aquela geração sentia a possibilidade de “mudança” num ritmo “evolutivo”.

*